

A Crítica
16.12.97 C 3
26

PARA ÍNDIOS

Cartilha ensina como agradar aos turistas

RIO (AE) — O governo lançou ontem no Rio uma cartilha que ensina índios a explorar a indústria do turismo. O texto dá dicas sobre como os moradores nas reservas devem receber os visitantes e os orienta a resolver problemas relacionados com a nova atividade, como tratamento do lixo produzido pelos turistas e eventuais doenças transmitidas pelos brancos no contato.

A cartilha é formada por quatro partes. Na primeira, os técnicos descrevem para os índios o que é turismo, quem é o turista, do que ele gosta e sugerem atividades. A segunda parte do manual é feita de histórias, como uma vivida por uma etnia imaginária que hospeda um grupo de estrangeiros. Os técnicos incluíram na terceira parte folhas em branco para que os nativos desenhem ou escrevam as impressões que forem tendo das visitas e as enviem para os órgãos de governo.

O manual é encerrado com os cuidados que os novos empresários devem ter com o lixo abandonado pelos turistas. Os detritos são classificados em três categorias: seco, molhado ou orgânico e perigoso.

A iniciativa do governo provocou a imediata reação de estudiosos da cultura indígena. Um dos principais indigenistas do País, Sidney Possuelo, funcionário da Funai, criticou a medida. Encarregado de frentes de contato com índios arredios, como os corubos, no Vale do Javari, fronteira do Brasil com o Peru, Possuelo é contra a abertura das áreas para o turismo.

Ele argumenta que o incentivo ao turismo entre os índios é precipitado. "Eles estão sendo inseridos num mundo que não conhecem com uma velocidade muito grande", avaliou. Para Possuelo, a exploração do turismo nas aldeias como fonte de renda para as comunidades segue a tendência do governo de "terceirizar tudo". De acordo com Possuelo, "o governo quer tirar do Estado responsabilidades que são do Estado". Ele acredita que, por isso, algumas comunidades talvez se sintam economicamente pressionadas.

Possuelo considera a exploração do turismo nas reservas com a intenção de fazer dinheiro para melhorar o padrão de vida nas aldeias um equívoco como o do garimpo e o das madeiras. "Os que chamaram os madeiros e depois os garimpeiros para as áreas indígenas também poderiam ter tido boas intenções", disse. "Esses povos hoje vivem espezinhados". Para o indigenista, a visita de turistas às áreas deveria ter sido discutida nas universidades, com pessoas que entendem do assunto e podem avaliar bem os impactos.

Os prejuízos do assédio dos ecoturistas, efeito que os técnicos do governo argumentam ter discutido num workshop antes da redação da cartilha, são tidos como certos por outros especialistas. "Vai esfacular a estrutura interna dos povos", afirmou Marina Wenceslau, doutora em história social pela Universidade de São Paulo (USP).